



A SEDUÇÃO DO CANTO DA SEREIA

Os antibióticos vêm sendo utilizados em Medicina Veterinária há décadas para combater eficazmente infecções e melhorar o desempenho zootécnico dos animais de produção. A fim de mitigar o fenômeno da pressão seletiva que naturalmente favorece o desenvolvimento de bactérias resistentes nos animais, os produtores e médicos veterinários administram esses agentes antimicrobianos de acordo com os protocolos modulados pela análise do risco quantitativo.

Certamente pela importância e ainda insubstituíveis, os antibióticos tornaram-se centro de opiniões polêmicas de desdobramentos distintos. Por exemplo, a Agência Sanitária do Reino Unido declarou recentemente: “A resistência antimicrobiana enfrentada pela humanidade é primariamente resultado do uso dos antibióticos nas pessoas, mais do que seu uso em animais”, ao contrário da União Europeia que, desde 2006, proíbe o uso dos melhoradores com base no princípio da precaução, insistindo atribuir exclusiva causalidade entre os antibióticos usados na produção animal e a resistência bacteriana nos seres humanos.

A questionável campanha que abusa de contraditória legitimidade e insiste inculcar que uso “racional” significa usar “menos”, bem sucedeu quando mirou diversas agências reguladoras mundo afora, muito embora e contrariamente, o adjetivo atribuído remete à razão e não ao racionamento, ou seja, “racional”, nesse caso, não deve significar usar menos (sob precaução), mas sim facultar ao juízo (sob preceito científico).

Até a poderosa agência americana de alimentos e medicamentos

(FDA) acabou por enfiar os antibióticos no mesmo balaio, batizando-os de “*medically important*” (clínicamente importante, em tradução literal). A inovação surpreendeu porque contrasta com a Organização Mundial de Saúde (OMS) que ainda reconhece três categorias distintas de antibióticos utilizados na medicina humana: “*critically important*”, “*highly important*” e “*important*” (criticamente importante, muitíssimo importante e importante, em tradução literal).

Ato contínuo à proposta do órgão regulador americano, durante os últimos três anos, as empresas farmacêuticas puderam modular os prós e contras ditados pela Orientação nº. 213 e, mais recentemente sacaram voluntariamente (conforme List of Affected Applications/US FDA) as consagradas ferramentas para melhoria da produtividade zootécnica, guinada no mínimo surpreendente, se levada em consideração, que de 2009 até 2015, a quantidade dos antibióticos “clínicamente importantes”, vendidos para animais nos Estados Unidos aumentou 25%, montante que quase dobrou no caso

específico das Lincosamidas (96%).

Ademais, o rápido e crescente engajamento, inclusive das tradicionais redes de comida rápida, algumas cadeias de hipermercados e outros gigantes processadores de alimentos, afetos à contemplação do místico *slogan* “*antibiotic free*”, também mereceram aplausos dos ativistas mais radicais.

Também pudera, na terra do “Tio Sam”, ainda há quem sustenta a tese do “Elvis Presley não morreu”. Além disso, o mais novo ocupante da Casa Branca é um conhecido mega tuitador que associa a imunização vacinal em crianças ao autismo, mesmo que uma tal “ciência” teima desconsiderar qualquer correlação de causa e efeito.

A mesma ciência que desvendou o mistério das infecções e seu combate por meio da alquimia biológica, incrementou a produtividade agrícola e desbancou o Malthusianismo, e que continua sustentando o avanço da tecnologia, muito embora o admirável fenômeno da “internetização” cosmopolita viralize, em fração de segundos, fantasias e contradições que desdenham perigosamente do conhecimento lapidado durante décadas.

A produtividade da cadeia de proteína animal americana, já desafiada pelo banimento de tantos agentes melhoradores tradicionais, encontra-se novamente afrontada pela ideologia radical, uma vez que um punhado de “defensores” do bem-estar animal questiona agora os métodos de criação, alegando que o “breve” período de tempo, apurado da eclosão até o abate, impacta negativamente a saúde e o bem-estar das aves.

Tomara que, mais cedo do que tarde, o coro dos ambientalistas reverbera a contabilidade científica do NCC/National Chicken Council, e

**MAIS CIÊNCIA
E MENOS
IDEOLOGIA; MAIS
RACIONALIDADE
E MENOS
EMOÇÃO; MAIS
CERTEZA E MENOS
PRECAUÇÃO.
ENFIM, MAIS
AVALIAÇÃO DO
RISCO E MENOS
RETÓRICA DIGITAL**

▼
Ariovaldo Zani
é médico veterinário,
professor do
MBA/PECEGE/Esalq/USP

alerte cidadãos e residentes, sobre a necessidade de produzir 1,5 bilhão de aves a mais, na hipótese de um terço da produção anual americana optar pelo modelo ideológico, que limita a média de ganho de peso à menos de 50g/dia, ao invés de 61g/dia apurados durante o ciclo de produção tradicional.

Torna-se crucial comunicar que essa demanda incremental vai adicionar quase 10 bilhões de dólares ao custo de produção, além de mais água (aproximadamente 4 bilhões de litros, afora aquela usada para saciar a sede dos animais e irrigar novas lavouras), mais terra (quase 8 milhões de acres para milho e soja), mais combustível (milhões de litros para acionamento de máquinas agrícolas, transporte de insumos, fábricas de rações, etc.) e mais esterco depositado no solo (algo em torno de 15 milhões de toneladas), que vai emanar mais indesejáveis gases de efeito estufa.

A somatória dos prováveis ajustes, seja redimensionando plantéis, construindo novas instalações ou até interrompendo o

funcionamento de linhas de produção, por conta da atual e vindoura dinâmica mercadológica, determinará novas correlações entre a oferta, a demanda e o preço da proteína animal. Diante desses precedentes, é indispensável ouvir a opinião pública e relevante alertar os consumidores, sobretudo, aqueles com renda mais comprometida, de que as modificações vão promover ajustes na dinâmica da cadeia produtiva das carnes, leite e ovos, com repercussões diretas no preço de venda, quantidade ofertada no ambiente doméstico e até no suprimento do comércio internacional.

Diante de tantos desafios, a recente e indispensável revolução digital não pode desconectar-se das contribuições advindas da biotecnologia, mas, sobretudo, ambas devem convergir para o incremento da produtividade econômica, bem-estar social e preservação ambiental. Além disso, a diversificada comunidade global precisa decidir muito rapidamente se a profusão de informações e a amplitude do

acesso a elas está forjando uma geração mais inteligente e informada ou mais ignorante e estreita, fechada em nichos por onde circulam informações que apenas reforçam convicções.

Lamentavelmente, parece que hoje em dia, as mídias sociais têm agravado nossa tendência a escutar apenas os canais ou as pessoas que refletem o que já sabemos ou pensamos, criando minorias que não conversam e tendem a reforçar seus preconceitos, paranoias e visões distorcidas do mundo.

O antídoto para modulação desse viés ideológico exige reprogramação do “mindset”, mais ciência e menos ideologia; mais racionalidade e menos emoção; mais certeza e menos precaução; mais equivalência entre produtos e menos harmonização de regulamentos; mais prescrição veterinária e menos negligência na clínica humana; enfim, mais avaliação do risco e menos retórica digital.

“Às vezes, vale a pena bancar o surdo, ao invés de ouvir o canto da sereia”! ■

POLI-NUTRI

PORQUE NUTRIÇÃO FAZ A DIFERENÇA!



Há 28 anos desenvolvendo
soluções nutricionais customizadas
para quem busca o melhor resultado.

www.polinutri.com.br

